

Sonhos na metanóia

Marisa Vicente Catta-Preta

*Uma vida sem contradições é apenas uma vida,
ou uma vida no além, destinada só para os anjos.
Mas Deus ama mais os seres humanos do que os anjos.*
Jung, 1945. Cartas

Jung (1987) destaca a importância da transição da meia idade e observa que o olhar do analista para seu paciente na metanóia, deve ser um olhar diferenciado. Para ele a primeira e segunda metade da vida são momentos distintos, mas partes de uma mesma curva: a grande trajetória da vida. Embora em nossa cultura tantos indivíduos insistam na manutenção da primeira metade da vida, através de recursos artificiais e imaturidade em seus comportamentos, a metanóia de qualquer forma irá trazer a necessidade de um aprofundamento nas questões da alma humana, para cada ser em particular.

Na metanóia, o tempo e a natureza em nós gritam por um encontro com nossa alma, encontro ,segundo o qual ,não podemos evitar. Jung diz:

“Nossa vida compara-se a trajetória do sol. De manhã o sol vai adquirindo cada vez mais força até atingir o brilho e o calor do apogeu do meio dia. Depois vem a enantiodromia. Seu avançar constante não significa mais aumento e sim diminuição de força. Sendo assim, nosso papel junto ao jovem difere do que exercemos junto a uma pessoa mais amadurecida. No que se refere ao primeiro, basta afastar todos os obstáculos que dificultam sua expansão e ascensão. Quanto a última, porém, temos que incentivar tudo quanto sustente sua descida. Um jovem inexperiente pode pensar que os velhos podem ser abandonados, pois já não prestam para nada, uma vez que sua vida fiou para trás e só servem como escoras petrificadas do passado. É enorme o engano de supor que o sentido da vida esteja esgotado depois da fase juvenil de expansão, que uma mulher esteja “liquidada” ao entrar na menopausa. O entardecer da vida é tão cheio de significação quanto o período da manhã. Só diferem quanto ao sentido e intenção” (1987:66).

Para Jung (1987), a metanóia é uma fase que ele chama de cultural e reconhece o quanto a transição da juventude, que ele chama de fase natural, para a maturidade é difícil em nossa cultura, levando pessoas a se agarrarem a seus filhos ou a qualquer coisa que as torne eternamente jovens, com papéis passados que insistem em desempenhar, tentando desafiar os limites do tempo e da vida.

Essa tentativa desesperada de algumas pessoas é alimentada pela consciência coletiva que traz um enorme culto ao jovem e ao que é importante para a juventude. E, é exatamente essa forma de pensar que considera a juventude a única passagem importante da vida que leva muitas pessoas, atualmente, a depressão e ansiedade excessivas nesse momento da vida. Tentar permanecer imortal, não ter consciência de que o tempo passou fisicamente e de que a alma tem apelos a serem realizados, é não apenas inútil como infantil.

Segundo Sonu, o grande legado de Jung foi não apenas descrever seu encontro com sua alma no livro Livro Vermelho, nem descrever uma jornada ao inferno particular de cada ser humano, mas o de ensinar como podemos sair desse inferno e encontrar a nossa essência, nossa individualização.

Ao lermos o Livro Vermelho (2011) de Jung, encontramos verdadeiros diálogos de Jung com sua alma, através da imaginação ativa, técnica que irá incluir em seu método de análise. Através desse método, o inconsciente é escutado e levado a sério. Papel não menos importante têm os sonhos, com símbolos que retratam nosso processo de individualização - processo de tornar-se único. Para entrarmos em contato com o inconsciente temos que olhar para um lado do qual não nos ocupamos grande parte de nossa vida e, por isso, torna-se tão difícil compreendê-lo e aceitá-lo com sua linguagem simbólica tão estranha a nossa consciência. Segundo Jung: “Na segunda metade da vida o desenvolvimento da função dos contrários, adormecida, significa renovação da vida” (1987:642).

Jung (1928-1930), alerta para a necessidade de na segunda metade da vida termos como tarefa, tal encontro com a alma, pois parece ser inevitável de um jeito dou de outro. Muitas pessoas entram em crise nesse momento ao terem que lidar com aquilo que não realizaram ou que o fizeram de uma forma mecânica, sem vida, sem alma, na sua juventude. Observa, porém, que para o jovem isso pode constituir-se numa fuga, já que o mesmo deve adaptar-se a vida, ao social. E muitos jovens ao não conseguirem essa adaptação podem viver uma vida apenas do ponto de vista simbólico, não concretizando sua obra no mundo.

Jung vai dizer ainda que,

Certas formas de fantasia podem ser o pior veneno para a pessoa que não está razoavelmente adaptada. Mas quando vocês encontram germes de imaginação em um homem que está firmemente enraizado, talvez aprisionado, em seu ambiente, eles devem ser tratados como o material mais valioso, como joias ou germes de libertação, pois saindo deste material ele pode ganhar sua liberdade. Todas as pessoas jovens têm fantasias, mas elas devem ser interpretadas diferentemente. Elas são frequentemente belas, mas na maior parte de importância negativa, e a menos que as pessoas jovens sejam

manipuladas muito cuidadosamente elas podem ficar empatadas em suas fantasias. Se vocês abrirem a porta do simbolismo para elas, elas podem vivê-lo em lugar da vida real.” (1929:37)

O inconsciente, através dos sonhos, nos ajuda a repensar outras possibilidades da vida e, muitas vezes, traz a tona situações arquetípicas, lembrando-nos de passagens comuns a todos os seres humanos. São soluções criativas para problemas eternos do ser humano que há muito foram em parte desvendados, mas que precisam ser vividos.

Hollis (2011) nos lembra da diferenciação que os gregos davam ao que chamavam de sina e destino. A sina de um indivíduo era imutável era o que a vida lhe havia dado a partir do seu nascimento, não entrando a escolha do mesmo. Já o destino era algo que poderia ser alterado, a partir das escolhas do indivíduo. Se olharmos para nossos sonhos, iremos identificar que são verdadeiros “toques” que nossa natureza interior nos dá, diariamente, elaborações internas para que possamos mais do que resolver nossos conflitos, elaborá-los para chegarmos a uma integração de opostos. Só a partir desse processo podemos fazer nossas escolhas de forma mais consciente.

Jung (1999), afirma que nem sempre via seus pacientes doentes, mas com falta de sentido na vida. Enfatiza a importância do trabalho com sonhos para que o inconsciente nos dê dicas de como prosseguirmos para um reencontro com a alma e com o ser criativo em nós. Em seu próprio processo de encontro com sua alma, Jung não teve um caminho fácil e, segundo Sonu (2011), um de seus sonhos nessa fase mostra a descoberta da morte de sua alma e a necessidade de busca da mesma.

O autor relata que Jung, em um de seus sonhos, está no serviço militar e encontra escavações onde surge uma figura em pedra de um sapo sem cabeça e atrás dele um menino com cabeça de sapo. Além disso, nesse sonho aparecem cadáveres mumificados, uma mulher morta que ainda vive. Ela vira a cabeça quando ele a chama de senhorita. Mais tarde, Jung teria interpretado esse sonho como sua alma morta, coincidindo com a morte de sua mãe. Segundo Sonu, quando Jung inicia um diálogo com sua alma, começa falando de sua própria perda de identidade e como recuperá-la através dos sonhos:

Andei durante muitos anos, tanto que esqueci que possuía uma alma. Onde estavas tu nesse tempo todo? Que além te abrigava e te dava guarda? [...] Tu te anunciaste previamente em sonhos; eles queimam em meu coração [...] Devo aprender que a espuma do meu pensar são meus sonhos, a linguagem de minha alma. Preciso carregá-los em meu coração e movimentá-los de cá para lá em meus sentidos como as palavras da pessoa mais cara. Os sonhos são as palavras guias da minha alma. [...] Os sonhos preparam a vida e eles te determinam sem que entendas sua linguagem. Nós

gostamos de aprender essa linguagem, mas quem é capaz de ensiná-la e aprendê-la. Pois só a erudição não basta; existe um saber do coração que dá esclarecimentos mais profundos. O saber do coração não é possível encontrar em nenhum livro e em nenhuma boca de professor, mas ele nasce de ti, como o grão verde, da terra preta. (2011:233)

Jung (1976), alerta para a felicidade do indivíduo quando começa a entrar numa crise de identidade na meia idade e sente-se obrigado a viver aquilo que ele chama de o problema dos contrários. Não vê essa crise que o indivíduo vive e nem o sofrimento que a acompanha como algo ruim, mas sim como uma oportunidade de encontrar-se, finalmente, consigo mesmo. Assim, ele inicia uma série de seminários que vão examinar vários sonhos e visões de uma mulher que está prestes a entrar na metanóia.

Nossa paciente é uma mulher de aproximadamente 30 anos. Ela é altamente educada, muito inteligente, uma intelectual típica, com uma mente quase matemática. É, por formação, cientista natural e excessivamente racional. Tem muita intuição que realmente deveria funcionar, mas que é reprimida porque produz resultados irracionais, e isto é muito desagradável para a mente racional. Com uma atitude mental deste tipo alguém poderá traumatizar-se já bem cedo na vida, enfrentando uma situação onde esta atitude é inútil. Se o destino é benevolente, logo entrará num buraco bem apertado. Se ele não é benevolente, permitirá viver um longo tempo com tal atitude e assim perdem-se muitas oportunidades na vida. (1976:1)

Em minha experiência, o sonho de fato é como disse Jung (1938-1939), um instrumento que facilita ao paciente esse contato com o inconsciente e o remete aos apelos de sua alma. Ao trabalhar com várias séries de sonhos, pude fazer alguns recortes sobre as fases da vida retratadas nos mesmos. Em particular, destaquei uma série de quatro sonhos de uma paciente que chamei de Diana e que ilustram sua passagem pela metanóia, com sonhos arquetípicos, trazendo temas cristãos, como morte e renascimento. Segundo Von Franz (1995), os sonhos compensam a ausência de rituais em nossa cultura e veremos claramente nessa série uma produção de símbolos compensatórios. Um recorte de um processo de individuação, em um momento em que a paciente entrava na metanóia.

Diana iniciou seu processo psicoterapêutico aos 33 anos aproximadamente. Em sua entrevista inicial confessa, muito emocionada, estar vivendo uma depressão profunda que a levou a separar-se do marido, pois entrara em contato com vários aspectos de sua vida que não faziam parte do caminho que escolhera. Era uma pessoa sensível, sonhava muito e em seu processo terapêutico que durou por volta de sete anos, trouxe semanalmente sonhos

para trabalharmos. Seus sonhos impressionavam pela clareza e pela riqueza de símbolos, muitos deles de natureza arquetípica e verdadeiros enigmas para essa paciente. Foi muito gratificante acompanhar seu processo e vê-la renascer com toda a riqueza interior que tinha dentro de si e que pode expandir para sua vida. Diana conseguiu converter sua experiência numa vida verdadeiramente vivida, com alma. Selecionei alguns de seus sonhos para ilustrar aspectos simbólicos que representaram sua travessia para a metanóia. A sequência é cronológica, porém, mesmo tratando-se de uma mesma série apresentam uma distância irregular de tempo.

Sonho 1 em 01/2000 – A descida para o inconsciente

Estava num campo repleto de trigos. Estou correndo, fugindo de um homem que dirige um carro vermelho e que não identifico quem é e nunca o havia visto, porém intuí que ele fosse me fazer mal. Consegui então encontrar um abrigo, em meio à fuga, num celeiro abandonado e vazio. Ao olhar para o chão desse lugar, deparei-me com um túmulo encrustado em uma pedra, com várias fotos de uma mulher em diferentes fases da vida, da infância a uns trinta e poucos anos (aproximadamente a idade de Cristo). As fotos referem-se à mulher morta. Ao lado do túmulo, há várias rosas vermelhas vistosas e que foram deixadas ali para que eu as pegasse do chão e as depositasse na lápide. Tive um sentimento de felicidade muito grande ao depositar as flores para a mulher morta, sentindo que com esse gesto havia cumprido uma espécie de missão. Eu estava com roupas brancas [...]

Esse sonho nos remete ao rapto de Pérsefone, pois retrata uma fuga e, através de associações da paciente, chegamos às questões de profunda dor que vivia depois de sua separação. Identificava o carro como o do ex-marido que a havia enganado e a levado para o inferno. O campo de trigos também nos remete a história de Perséfone e Deméter. A mulher que vê na gruta, tem várias faces representadas por diversas idades, quase uma síntese do que ela fora em vida. A idade em que terminam as fotos é a idade da paciente na época em questão. Ela pratica uma espécie de ritual, que continua nos outros sonhos, representada pelas roupas brancas e pela oferenda de flores. O sonho mostra a descida da paciente ao inconsciente, tal qual fez Perséfone ao ser raptada por Hades. É a descida ao mundo, que traz aspectos seus que precisam morrer, para que outras possam nascer, e a necessidade de olhar para essas questões nesses momentos de vida. A mulher morta representa aspectos seus que deveriam ser sacrificados, as fases que foram vividas, mas que agora deveriam dar lugar a um novo nascimento.

Sonho 2 - 01/03 – O sacrifício

Estava na praia pegando conchas e encontrei um homem crucificado. Tirei ele da cruz. Queria levá-lo para fazer experiências num laboratório porque ele era indigente. Mas eu não deixei e limpava-o com minhas roupas.

O motivo da crucificação traz a ideia do sacrifício, tão necessário para recuperarmos nossa alma. Segundo Edinger (1995), “A crucifixão representa a justaposição dos opostos. Trata-se de um momento de intersecção entre o humano e o divino”.

Nesse momento, D. estava vivendo exatamente essa necessidade de conciliação dos opostos. Passou-se três anos do primeiro sonho, o que mostra que após descermos ao inferno, temos que viver o que Cristo ilustrou tão bem em seu processo, a necessidade do sacrifício, das opções que encerram a decisão de seguir a vida de forma coerente com os anseios da alma. Na bíblia, Maria Madalena, Maria e outras mulheres cuidam do corpo de Jesus para que seja sepultado. E, semelhante a essas mulheres santas, Diana limpa as feridas desse homem crucificado com suas próprias roupas. E, psicologicamente, lamenta a morte de seu ego e das perdas necessárias nesse momento. Tem que limpar as feridas que na verdade são suas e da humanidade, pois o mito de Cristo é vivido por todos os seres humanos. A ideia do sacrifício precisa entrar em nossas vidas quando temos de fazer escolhas.

Sonho 3 - 09/04 A concepção e o nascimento de um novo ego

Sonhei que estava com várias pessoas comendo numa mesa, depois saí e fui caminhando e entrei num círculo de pedras em ruínas onde havia várias pessoas mais velhas, homens e mulheres com túnicas brancas. Um homem velho se aproximou e me disse que o mal tinha invadido a terra e eu tinha que procurar um homem de nome Aquimemon, acho que era esse o nome. Eu teria que procurar esse homem e ter um filho dele, pois ele seria o salvador da terra. Ele disse que quando o visse eu saberia quem era. Fui a uma festa com vários tipos de pessoas. Vi um homem que tinha olhos azuis, barbas e cabelos negros, usava um brinco e estava vestido de couro. Logo o reconheci e ficamos juntos num quarto. Depois apareço numa casa sentada cuidando de um bebê, era um menino. O homem toca a campainha entra e diz que vai ficar conosco.

Esse sonho no trás o tema cristão da Anunciação. O anjo de Diana, porém é representado por um homem velho e sábio, que nos remete ao arquétipo do velho sábio, como uma imagem de Tirésias - adivinho grego que era capaz de prever o destino dos mortais. Também vemos a atitude de Diana no sonho, semelhante à de Maria, que é de obediência, uma aceitação do destino que lhe é imposto. Edinger refere que essa obediência pode representar uma aceitação

da alma ao encontro com os desígnios do inconsciente. O encontro do ego com o self. Segundo o autor:

As prostitutas sagradas, que atuavam no exterior dos templos da deusa do amor no Oriente Próximo, podem ser consideradas, dessa maneira, virgens psicológicas. O ego virgem tem suficiente consciência para relacionar-se com as energias transpessoais, sem identificar-se com elas. (1985:28)

Depois disso, na cena seguinte, não aparece a gravidez de Diana e em suas associações ela diz que o homem havia ido embora e só voltara no final do sonho. Ela associa que passou esse tempo sozinha, com a criança do sonho. Podemos considerar a criança como o nascimento de uma nova parte de sua personalidade conectada com o sagrado, com seu self, com o âmago de sua alma. Apesar da semelhança com o mito cristão, Diana tem relações sexuais com um homem, mas que parece mais um Deus, visto que como resultado desse relacionamento nasce um salvador, um herói. Em vários mitos de heróis é comum a relação de um Deus com uma mortal. Podemos citar Hércules, como o mais conhecido, mas teríamos vários outros exemplos.

O nome AKimenon, nos faz lembrar de Akhenaton, conhecido pelos gregos como Amenófis IV, o único faraó egípcio que considerou o monoteísmo e atendia aos desígnios desse único Deus. Vale lembrar que o faraó era considerado um escolhido por Deus para que pudesse governar seu país.

Akhenaton era pai de um único filho, o faraó divino Tutankamon com TKyia, uma esposa secundária, e não de Nefertite, sua esposa oficial. Esse faraó não só instituiu o monoteísmo como foi referência como governador, por sua humanidade e tolerância. Diana não tinha conhecimento desses fatos. Segundo Jung, (1938-1939) às vezes os sonhos trazem paralelos históricos que valem apenas ser conferidos, para ajudar a decifrar o conteúdo dessas imagens.

Sonho 4 - A oferenda - 10/2005

Sonhei que subia um rio com peregrinos num barco circular, tinha várias pessoas e um homem velho que me falou para tomar cuidado com o lobo do mar, que nas travessias sempre pegava uma pessoa da caravana para o fundo do rio. Então o lobo apareceu, era meio homem e meio lobo, olhou para mim e disse que ia me levar. Disse para ele que também tinha gostado dele, para enganá-lo, que seguiria com os peregrinos e depois voltaria para ficar com ele, então ele acreditou e foi embora. Segui aquele pessoal do barco até uma vila e quando paramos, as casinhas eram todas brancas e tinham o número nove pintado em vermelho. Descemos e fomos até um lugar

que parecia um cruzeiro onde as pessoas depositavam flores, ficavam naquele lugar.

A travessia é um motivo que aparece em vários mitos e contos, como uma ida ao mundo dos mortos ou mundo do inconsciente. Chevalier (2007) comenta que em todas as civilizações o motivo da barca dos mortos é encontrado. A travessia sempre apresenta perigos de seres da profundidade do mar que querem impedir o percurso e a barca representa um lugar de segurança para completar a travessia. Mais uma vez um sábio aparece como uma das representações do self. Depois de cinco anos do primeiro sonho podemos perceber que Diana está mais atenta, mais consciente. Faz sua travessia de barco, de forma circular, sugerindo uma mandala, símbolo do self. Já não foge do perigo, como no primeiro sonho, perseguida por uma figura masculina, mas consegue usar de astúcia para completar sua travessia. Age como uma verdadeira heroína de contos e mitos, com sabedoria, uma mudança de atitude perante a vida.

De fato nesse momento a paciente estava vivendo mais em harmonia com seu processo de individuação. Prestara um concurso para juíza e dedicara sua alma a esse processo. Também começara a ter relações mais saudáveis com os homens, inclusive com o ex-marido. Todo seu potencial criativo é expresso no mundo e volta-se a seu favor. A cruz não mais tem o corpo de um homem sacrificado, mas torna-se um cruzeiro, um lugar onde devem ser feitas oferendas. Um lugar sagrado conquistado em sua alma e onde pode reverenciar com flores, tema que surgiu já no primeiro sonho, acompanhando a ideia, novamente, de um ritual sagrado. As casinhas podem representar as construções que fez durante esse tempo.

Os números, segundo Chevalier (2007), expressam ideias simbólicas desde a antiguidade, representando a união do cósmico com o interior, tendo cada número uma personalidade própria. Para o autor, nove é um número ritual. Lembra Deméter percorrendo o mundo por nove dias a procura da filha Perséfone, representando também o período de gestação na mulher. Parece que Diana, que vive o rapto em seu sonho inicial é resgatada após passar por várias etapas de seu processo. Diz Chevalier: “Nove parece ser a media das gestações, das buscas proveitosas e simboliza o coroamento dos esforços e término de uma criação” (2007:42). Segundo o autor, o nove é um número de renascimento e é o que vamos ver expresso no próximo sonho de Diana.

Sonho 5 - outubro de 2005 - morte e ressurreição

Sonhei que estava numa estrada asfaltada e me via dentro do meu carro , eu estava morrendo, sangrando na cabeça e no coração. Havia fogo, mas estava tranquila do lado de fora, em frente, assistindo tudo. Havia um rapaz do meu lado, todo vestido de branco, que falou que para nascer é preciso morrer para eu fazer o que fosse preciso porque estava indo embora, a vida era uma passagem.

Nesse sonho, Diana vive a própria morte. O que nos leva a pensar na morte de seu antigo ego. O carro agora é seu e não como no primeiro sonho, de um estranho que a persegue. Ela é capaz de assistir a própria morte e compreender sua passagem. Um animus positivo, quase um guia espiritual lhe explica sobre o processo de vida e renascimento, como ocorriam nos ensinamentos dos mistérios eleusianos, e em outros rituais passados em diferentes culturas. Muito diferente da figura masculina do seu primeiro sonho, que a persegue e da qual ela foge, esse homem a orienta e é seu companheiro. Ele fala da morte e do renascimento da alma, passagem tão difícil que vivemos intensamente na metanóia, mas que marca uma profunda experiência da alma e uma sagrada ligação com a vida.

O sentido da vida que é resgatado, como propõe Jung, quando nos chama para a possibilidade de vivermos nossa individuação.

Referências

Chevallier, J.; Gheerbrant, A. *Dicionário de Símbolos, mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

Edinger, E.E. *O arquétipo cristão*. São Paulo: Cultrix, 1995.

Hollis, J. *A passagem do meio*. São Paulo: Paulus, 2010.

Jung, C.G. *Livro Vermelho*. Petrópolis: Vozes, 2011.

Jung, C.G. *Psicologia do inconsciente*. OC VII/ 1. Petrópolis: Vozes, 1987.

Jung, C.G. *A prática da psicoterapia*. OC XVII/ 1. Petrópolis: Vozes, 1999.

Shamdasani, Sonu. *Descensus as Infernus*. Palestra realizada no XIX Congresso internacional da AJB - 8 a 11 de setembro de 2011

Von Franz, M.L. *O caminho dos sonhos*. São Paulo: Cultrix, 1992.

XIX Congresso internacional da AJB - 8 a 11 de setembro de 2011- palestra DESCENSUS AS INFERNUS

Marisa Vicente Catta-Preta - Psicóloga, com especialização em Cinesiologia pelo Instituto Sedes Sapientiae. Mestrado em Psicologia Clínica pela PUC-SP - Núcleo de Estudos Junguianos. Docente do curso de extensão Corpo & Arte na Segunda Metade da Vida da PUC/ COGEAE, e de Psicoterapia Junguiana na UNIP-SP. E-mail: eranos@ig.com.br.